

MEMÓRIAS DO CÁRCERE EM LIBERDADE: O TEXTO DO LEITOR EM SILVIANO SANTIAGO

*Mariângela Borba Santos**

RESUMO

A palavra interação, já existente em nosso vocabulário e comum entre indivíduos que a buscam sob o propósito de se comunicarem, assume proporções relevantes quando se fala em texto ficcional e/ou autobiográfico, posto que, sob uma nova perspectiva, estes não se mostram apenas através do sujeito que os produz, mas, também, através de uma complexa ação de recepção dando a falar o sujeito/leitor que os consome. Sob estas considerações, este artigo, respaldado na estética da recepção e fundamentado nos pressupostos de Wolfgang Iser sobre a interação do texto com o leitor, busca entender o “conflito da leitura” vivenciado e dramatizado por Graciliano Ramos em **Memórias do Cárcere** e **Em Liberdade** por Silviano Santiago, bem como o processo de relacionamento dos diferentes discursos entre estes textos – memória e ficção – processo este legitimado pela teoria da intertextualidade que referencia o caminho palimpsesto trilhado por Silviano ao se “apropriar das memórias do outro” transcendendo-a num texto ficcional, conjugando memória e imaginação.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção. Imaginação. Interação. Leitor.

[...] como poderá então uma coisa apresentar-se verdadeiramente a nós, já que a síntese nunca se completa [...] Como posso ter a experiência do mundo como de um indivíduo existente em ação, quando nenhuma das perspectivas segundo as quais o vejo consegue esgotá-lo e quando os horizontes estão sempre abertos? [...].

(Merleau-Ponty).

Diz Santiago (1982, p. 165) que Barthes, “ao perceber o equívoco que cometia com a sua ‘análise estrutural da narrativa’, descobre que toda leitura individual é uma escrita”. Deixando de ser um produto padronizado, mero consumo, a leitura passa a requerer do leitor(a) “uma força criativa tão forte e intensa quanto a do criador”.

Sem compreender a obra literária como um organismo fechado, mas, sim, enquanto produção, recepção e comunicação numa relação dinâmica entre autor, obra e público, a estética da recepção, discutida e fundamentada por estudiosos como Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser, Hans Ulrich Gumbrecht, Karlklinz Stierle, dentre outros, embora diverjam em alguns princípios, convergem no ponto comum da discussão: o papel concedido ao leitor no ato da leitura, ou melhor, a descoberta desse leitor como objeto da ciência da literatura. Contudo, diz-nos Gumbrecht (1979, p. 191) que:

* Mestre em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: mborasantos@yahoo.com.br.

[...] não é somente a ênfase do leitor comumente desconsiderado, que virá violentar os parâmetros da crítica textual, mas seu interesse para as condições de sentido dos textos, passando também a pertencer ao campo de seu objeto o sentido textual intencionado por cada autor, não como o sentido único, mas considerado o primeiro de uma série de constituições do sentido e de suas condições históricas.

Nas considerações de Gumbrecht (1979, p. 191), o mérito da estética da recepção ultrapassa a visão imanentista do *New criticism*, tão em voga nos anos cinquenta e “que visava à leitura correta de textos isolados desejando um leitor ideal”. Para o autor,

[...] a verdadeira inovação da estética da recepção consistiu em ter ela abandonado a classificação da quantidade das exegeses possíveis e historicamente realizadas sobre um texto, em muitas interpretações ‘falsas’ e uma ‘correta’. Seu interesse cognitivo se desloca da tentativa de constituir uma significação procedente para o esforço de compreender a diferença das diversas exegeses de um texto.

Compreende-se, pois, que, para além de “uma história da literatura do leitor” (JAUSS, 1974, p. 7-82), a estética da recepção busca refletir sobre a “constituição do sentido” enquanto ação reciprocamente relacionada entre a produção do texto, por parte do autor, e a constituição do sentido, como compreensão do texto, por parte do leitor.

É sob tais pressupostos que se busca empreender uma leitura em **Memórias do Cárcere** de Graciliano Ramos (1986)¹ e **Em liberdade** de Silviano Santiago (1981), no intuito de entender o “conflito da leitura” levado a cabo pelos autores, conflito este problematizado e questionado por Wander Miranda em sua tese de doutorado **Contra a corrente – a questão autobiográfica em Graciliano Ramos e Silviano Santiago**, no capítulo intitulado o “Texto do leitor”.

Ainda segundo Gumbrecht (1979, p. 192),

[...] quem deseja apreender as condições de diferentes constituições do sentido sobre um texto deve pesquisar as interações entre um autor e seus leitores, pois a ação social do autor é tanto condição para a compreensão do texto pelo leitor, como a ação social, provável dos leitores, age como premissa para a produção textual do autor.

¹ O livro **Memórias do Cárcere**, obra póstuma, foi publicado no mesmo ano da morte de Graciliano Ramos, em 1953. Neste artigo, utilizou-se a 21ª edição, publicada pela Editora Record.

É aqui que a palavra interação, já existente em nosso vocabulário e comum entre as pessoas que a buscam sob o propósito de se comunicarem, assume proporções relevantes quando se fala em texto ficcional e texto autobiográfico, posto que, sob uma nova perspectiva, estes textos não se mostram apenas através do sujeito que os produz, mas, também, através do sujeito que os consome, ou seja, numa complexa ação de recepção compreendida no processo da interação texto/leitor, entendendo este, o leitor, como co-emissor da mensagem interdita, velada, escondida nas entrelinhas a transgredir suas projeções habituais.

Estabelece-se, assim, uma “identidade carente”, legitimada pelas contingências tipificadas por estudiosos da psicologia social, assim como na indagação psicanalítica sobre a comunicação.

Iser (1979, p. 83-132) formula seus argumentos quanto à interação texto/leitor, partindo de estudos feitos por sociólogos e psicólogos na área de comunicação que mostram o “processo diádico” entre os homens, cuja função da linguagem é demarcar, significar e comunicar (KRISTEVA, 1969, p. 14-15).

É a partir da indagação psicanalítica sobre a comunicação, realizada e experimentalmente confirmada por estudiosos do assunto (LAING; PHILLIPSON; LEE, 1996, p. 4), que Iser (1979, p. 86) aponta conseqüências semelhantes e essenciais, como ele mesmo afirma, para a avaliação sobre a interação do texto com o leitor. Na percepção interpessoal, Laing (apud ISER, 1979, p. 85) esclarece que a “identidade carente” é constitutiva da situação interacional, motivada por nossas negações enquanto expectativa do outro, quando nos diz que “tua experiência de mim é invisível a mim e minha experiência de ti é invisível a ti” e acrescenta, que “cada homem é invisível para o outro”. Esta inapreensibilidade, esta reciprocidade da não experimentação alheia aciona nos parceiros da comunicação – emissor/texto, receptor/leitor – um processo entendido como atividade de interpretação, na tentativa de transpor a inapreensibilidade inicial à situação dos atos pragmáticos da fala e/ou da leitura complexamente estruturada do texto.

É sob tais estudos que podemos compreender a necessidade de interação, em todos os seus níveis, na captação das diversas funções da linguagem, quer sejam cognitivas, emotivas, fáticas, metalinguísticas e poéticas.

Embora Iser (1979) diferencie a finalidade e as condições da interação entre texto e leitor dos pressupostos importantes da interação diática,² ele também afirma que a obra literária não foge a este processo, até mesmo porque “a literatura nunca é sentido, a literatura é processo de produção de sentidos, isto é, significação”.³ Ela tem aspectos peculiares que motivam seu destinatário a manter esta interação. Isto porque o fenômeno comunicativo, entendido por Iser (1979, p. 88) entre texto/leitor, foge à situação “face a face” de uma relação interacional comum entre os homens, mas mantém, como esta, uma relação de “assimetria”, compreendida como condição fundamental para a interação, servindo de estímulo ao leitor para ali adentrar e preencher os pontos de indeterminação, característicos dos textos ficcionais, em busca de com ele manter uma situação definida, embora o leitor nunca retire do texto a certeza explícita de que a sua compreensão é a justa.

Esse hiato, essa indeterminação que se forma entre as partes comunicantes é o “vazio” explanado por Iser (1979, p.106), “o vazio como condição para a comunicação, pois ele aciona a interação entre texto/leitor e até certo nível, a regula”.

É sob estes vazios que os textos ficcionais, por sua própria natureza, abrem um número crescente de possibilidades de leitura, exigindo do leitor a decisão seletiva que lhe oriente a possibilidade de combinação determinada pela lacuna inicial do processo da leitura, em busca de formular as colocações não explicitadas. Indicando os segmentos do texto a serem conectados, os vazios serão, assim, o fio condutor no processo de significação empreendido pelo leitor, que assumirá, de sua parte, o papel de decodificador, impondo-lhe atividades interpretativas que o levam a decidir a qual ou a quais códigos deverá referir o significante.

Para Eco (1985, p. 168), as atividades interpretativas vão desde as expectativas esperadas – estereotipadas – até a consciente aceitação de outras, contraditórias e

² Nos modelos de interação desenvolvidos pela psicologia social e pela pesquisa psicanalítica a propósito da comunicação, independente dos modos de contingência encontrados ou originados das interações humanas, a interação diática, nas relações interpessoais, se impõe a cada um posto a inapreensibilidade da experiência alheia nos propulsionar para a ação, o que resulta na necessidade de julgamento interpretativo, que comanda e regula a interação. A interação diática não é “um dom da natureza, mas sempre um produto de uma atividade interpretativa”. Contudo, na relação texto-leitor falta-lhe a situação face a face em que se originam todas as formas de interação social. Mas é, também, sob esta “carência” que se instaura um ele decisivo com a interação diática texto/leitor, posto os vazios aí se instaurarem. A propósito, cf. ISER, 1979, p. 83-87.

³ Citação extraída do texto em que Leyla Perrone-Moisés apresenta a obra de Roland Barthes: **Crítica e Verdade**. Leyla Perrone faz menção à distinção básica da obra barthesiana entre sentido e significação. Para o crítico francês, o sentido é o conteúdo, o significado de um sistema significante, e significação é o processo sistemático que une um sentido e uma forma, um significante e um significado.

coexistentes, na tentativa não de constituir uma significação procedente, mas, sim, instaurar sua leitura desautomatizada, motivada e potencializada pelos vazios, advindos da estrutura polissêmica do texto ficcional.

Sob essa perspectiva, o processo de comunicação se realizará não através de um código, mas através de uma relação dialética, mantida entre texto/leitor, que compreende uma recíproca contradição de afirmação e negação, polos opostos que se completam por não se entrosarem com a expectativa central da linguagem pragmática. Neste percurso, o texto ficcional libera-se às atividades projetivas do leitor, possibilitando-lhe individualizar mais sentidos e/ou imagens em busca da compreensão da mensagem, o que lhe permite descobrir outros horizontes que não estavam no plano de suas referências habituais e nem diziam respeito ao seu contexto familiar.

A ficcionalidade do texto, em seu jogo ambíguo, instaura uma nova modalidade de leitura que permite ao leitor ir além de suas expectativas e, subjacente aos segmentos desconectados, encontrar, através da imaginação, uma configuração que se integre ao dito, isto porque “o que se cala impulsiona o ato de constituição, ao mesmo tempo em que este estímulo para a produtividade é controlado pelo que foi dito, que muda, de sua parte, quando se revela o que fora calado” (Iser, 1979, p. 90).

Entende-se, pois, essa prática específica de leitura como um mecanismo de absorção das formas captadas e liberação de outras que reagem em consequência das circunstâncias dadas, impedindo, assim, a “degradação do conhecimento, pois este processo não conclui, mas sim obriga ao leitor abandonar as imagens, advindas da primeira leitura, e construir uma outra” (Iser, 1979, p. 113).

O sentido dado pelo texto não será, assim, o último, o que requer do seu leitor a capacidade de discernimento entre as imagens dadas, formadas e o conhecimento de outras.

É sob esse embate que surgem as “imagens de primeiro e segundo grau”,⁴ dificultando cada processo individual de constituição de sentido, o que dará ao texto o seu caráter plurissignificativo, posto que a cada leitura formas inovadoras de significação surgem. Como afirma Eco (1985), em diálogo com as formulações de Iser (1979), “a estrutura última

⁴ A quebra da *good continuation* pelos vazios, como informa Wolfgang Iser (1979, p. 111-112), provoca o reforço da atividade de composição do leitor. Quanto maior a quantidade de vazios, tanto maior será o número de imagens construídas. Consequentemente surgem imagens de segundo grau, que são aquelas com as quais reagimos às imagens formadas; e as imagens de primeiro grau com as quais “criamos” o objeto imaginário fazendo com que o conhecimento sofra modificações consideráveis provocando a colisão de imagens. Neste processo o leitor é obrigado a abandonar a imagem e construir uma outra.

de um texto não é definitiva e quando assim ocorre ela não será a última. A última será aquela sempre oculta, inapreensível e não estruturada, sempre a produzir novas manifestações”.

Nesse conflito, nesse embate de experiências do imaginário, no assimilar uma experiência que se origina da transgressão do que somos, ao leitor é dado o caminho para que supere o horizonte de uma práxis cotidiana em benefício de uma experiência efetiva de conhecimento que lhe abra novos horizontes.

É a partir dessas reflexões, levadas a cabo por Iser, que podemos entender a estratégia do “conflito da leitura” instaurado nos textos de Silviano Santiago e Graciliano Ramos, posto que, ao conflitarem a leitura de seus textos, numa intencionalidade aparente e dramatizada, alertam o leitor para que este não busque “nas obras de arte apenas o documento e nem tampouco fazer delas mero pretexto para a satisfação do desejo de sonho e fuga” (MIRANDA, 1987, p. 76).

Ler pelo avesso. Eis uma proposta comum a Graciliano Ramos e Silviano Santiago. Este, enquanto transgressor do discurso memorialista do outro, escopa-se na ficcionalidade, pois entende o “conflito da leitura”, vivenciado pelo leitor do texto ficcional, o caminho para o conhecimento de uma outra realidade; aquele, por meio do seu testemunho autobiográfico, nega o “leitor guardião de suas memórias”, ao tempo em que lhe dá as coordenadas para uma leitura não mais pragmática e unívoca, empecilho à recepção, e o convida a uma leitura plurívoca e participativa, em que se possam conjugar prazer e atenção crítica numa interpretação reflexiva, bastando, para tanto, conjugar memória e imaginação.

Um texto memorialista, um texto ficcional. Uma História do passado, uma releitura ao presente, no processo – ao futuro – o leitor. Para entender este triângulo amalgamado pela função do rompimento da linha de continuidade traçada pela História, é preciso compreender o processo de relacionamento dos diferentes discursos entre **Memórias do Cárcere** e **Em Liberdade**. Processo este legitimado pela teoria da intertextualidade que referencia o caminho palimpsesto trilhado por Silviano Santiago.

Assim, no “espaço intertextual”⁵ da História documentada, pragmática, de **Memórias do Cárcere**, Silviano Santiago intenciona transcendê-lo para fazê-lo ressurgir em um texto ficcional, auto-referencial, intencionalmente elaborado em busca de um novo leitor, instaurando, para tanto, um “contrato”, no dizer de Iser (1979, p. 91) entre autor e leitor, cuja regulamentação o texto comprova não como discurso, mas sim como “discurso encenado” mediante a proliferação de vozes a falar através de máscaras e com a voz alheia, permitindo uma multiplicidade de variações históricas nas condições contratuais vigentes entre autor e público.

A transgressão de limites entre texto/contexto, atos de seleção e combinação da realidade, descrita como os “atos de fingir” na constituição do texto ficcional (ISER, 1979, p. 384-412), torna-se, agora, relevante, posto que a “encenação”, levada a efeito por Silviano Santiago em seu livro **Em Liberdade**, não só existe como texto ficcional, visto as ficções, no dizer de Iser (1979, p. 384), desempenharem

[...] um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões do mundo. [...]. A própria indicação do que pretendem ser altera radicalmente sua função face àquelas ficções que não se mostram como tais.

A ficção, evidenciada por Santiago, não toma para si o atributo patente do texto ficcional que se revela na literatura como algo diverso da realidade, o “fingir que se dá conhecer pelo desnudamento” (ISER, 1979, p. 397). Pois, no sentido de demonstrar a ficcionalidade do seu texto ficcional, enquanto apropriação das memórias do outro, Silviano intenciona desmistificar a História e, para tanto, o seu texto deve ser explicado e fundamentado, fugindo, assim, à dissimulação do estatuto próprio dos textos ficcionais, no intuito de que o mesmo se ofereça como aparência da realidade, realidade esta “resgatada do esquecimento e das manipulações” de uma História arquivada (MIRANDA, 1987, p. 19).

⁵ A teoria da intertextualidade, estudada por Julia Kristeva, Jacques Derrida e Roland Barthes, dentre outros, refere-se aos índices, pistas, que, sistematizados, definem a permutação de textos. Para Kristeva (apud TELLES, 1989, p. 47-48), “o enunciado poético é um subconjunto de um conjunto maior que é o espaço dos textos aplicados em nossos conjuntos”. É nesse espaço, denominado de intertextual, que o processo de relacionamento dos diferentes discursos se dá num movimento concomitante de absorção e negação dos outros textos do espaço intertextual. Aqui, o discurso ficcional de Silviano Santiago se entrecruza com o discurso memorialístico de Garcilano Ramos. Nesse embate, a produção de um outro texto repete o primeiro em diferença.

É assim que se pode, na “leitura das memórias em liberdade”, conjugar memória/imaginação no escopo da ficcionalidade e, através desta, continuar a conjugação no tempo presente, sem nunca o esgotar. Eis o texto do leitor, plural na conjugação dos tempos, consequência do seu conflito entre o dito e o não dito e da consciência de saber-se co-emissor desta mensagem velada.

No percalço destas descobertas, entende-se a responsabilidade do escritor perante sua época, perante a sociedade de que faz parte. Cômico desta responsabilidade, o escritor não faz uso da linguagem para encobrir uma realidade, aceitando-a e consagrando-a como fixa e definitiva, mas, sim, para descobrir e revelar, assumindo a linguagem como uma instância valorativa, estética e eticamente significativa.

Isto posto, pode-se concordar e, o que é mais importante, entender a colocação de Umberto Eco quando diz que “escrever é produzir um leitor novo e revelá-lo a si mesmo”, pois o conflito da leitura é parte deste processo de descoberta, de reformulação da realidade, de tomada de consciência de si mesmo, que se inicia no ato da escrita e se completa no da leitura.

Eis aqui o projeto de Silviano Santiago: engajar-se na transcrição do pretense diário que Graciliano Ramos teria escrito após deixar o cárcere em 1937. Para tanto, o texto é proposto ao leitor com uma caligrafia, cujo trabalho de decifração reitera o próprio trabalho textual, já que este é dado, desde o início, como leitura de um outro texto, um texto de memórias, apropriado, agora, na forma de um diário, e cujo narrador, distanciado da ação narrada, convida-nos a lê-lo. E é nesse espaço dramático da leitura que se entrecruzam verdades e falsificações, onde os limites das convenções literárias e dos lugares comuns e ideológicos são excedidos (MIRANDA, 1987).

O que era de direito propriedade de um só indivíduo deixa de sê-lo em tempos atuais, pois o estilo deixa de ser o homem e passa a ser o texto, a *écriture*. Ele, o texto, como diz Santiago (1982), “é a própria força que inaugura a possibilidade de um outro texto na Biblioteca de Babel”.

Instaurado no espaço que John Barth chama de “literatura da exaustão”,⁶ o texto de Santiago tem como herança o esgotamento da experiência do eu singular e da prática

⁶ O romancista norte-americano descreveu a estranha sensação que se apossou da produção ficcional dos anos 60 sobre “o que escrever depois que descobrimos que todas as narrativas estão encerradas em uma biblioteca”, em artigo inaugural que leva essa expressão por título (apud SANTIAGO, [198-?], p. 4).

estilística de expressão estritamente pessoal dessa mesma experiência. Ao apropriar-se das memórias do outro, ele não só repete, como desvia, trai e ficcionaliza o que lê, no intuito deliberado de decepcionar o leitor “fiel guardião da memória alheia”.

Olhando de certa maneira, essa ficção praticamente esgota e encerra um ciclo de depoimentos, narrativas, relatos brasileiros de um tempo de prisões e torturas, descritos já em liberdade, mas quase todos memórias do cárcere.⁷

[M1] Comentário: Fazer a referência com uso do parêntese: (MOTTA....)

Querelas à parte, concluir seria pretensão diante da verticalidade que tais argumentos provocam em discussões e reflexões ainda emergentes sobre tal abordagem, no que concerne ao texto ficcional, sua recepção e seus efeitos, como bem observa Lima (1979, p. 28-31), ao comentar as críticas “à teoria iseriana da recepção” por parte dos pesquisadores integrados na mesma corrente como K. Stierle e H. U. Gumbrecht.

[M2] Comentário: Esta referência não consta de sua relação ao final do texto)

Quanto ao romance **Em liberdade** de Silviano Santiago, a depender do que se toma a ler, “a reluzência ofusca e confunde [...] é diário pessoal; é desabafo coletivo; é dilema de ontem; de anteontem; de hoje. É dolorosa reflexão sobre a condição do intelectual neste país [...]”, como afirma Antonio Dimas, na *orelha* de **Vale quanto pesa**, ao referir-se à leitura caleidoscópica que esse romance impõe.

Sim. Mas resta saber de quem é o diário? A quem pertence a memória? É ficção ou realidade?

Aí já é uma outra história, sempre a nos estimular a suprir o que ali não se encontra. No mais o que nos resta, tomando emprestadas as palavras de Silviano Santiago, “é vencer o silêncio e entrecruzar verdades e falsificações para que histórias possam ainda ser contadas”.

MEMORY “IN LIBERTY”: THE TEXT FROM THE READER /N/GRACILIANO RAMOS AND SILVIANO SANTIAGO

ABSTRACT

The word interaction, which is already part of our vocabulary, and it is common between people who use it with the purpose of communicating, takes relevant proportions when it comes to fictional and/or autobiographic texts, under a new perspective, these texts do not show themselves only through the individuals they produce, but, also, through a complex reception action showing the individual/reader which they use. Under these conditions, this article, based on the aesthetic reception and grounded in the premise of Wolfgang Iser about the interaction of the text and the author, tries to understand the “reading conflict” lived and dramatized by Graciliano Ramos in

⁷ Fragmento do comentário de Nelson Motta no jornal **O Globo**, extraído do da “orelha” de **Vale quanto pesa**.

Memórias do Cárcere and **Em Liberdade** by Silviano Santiago, as well as the process of relationship of the different speeches between these texts – memory and fiction –, such process is legitimated by the mutual textual theory which references the palimpsest path followed by Silvano as he “appropriates himself of the neighbors memory” over passing it in a fictional text, conjoining memory and imagination.

KEYWORDS: Fiction. Imagination. Interaction. Reader.

Referências

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CRISTÓVÃO, Fernando. **Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar**. Prefácio de Gilberto Mendonça Teles. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

DIMAS, Antônio. Sobre em liberdade. Comentário incluído como texto de orelha. In: SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ECO, Humberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação. In: COSTA LIMA, Luis. (Coord.). **A literatura e o leitor; textos de estética da recepção**. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: COSTA LIMA, Luis. (Coord.). **A literatura e o leitor; textos de estética da recepção**. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor; textos de estética da recepção**. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1969.

LAING, R. D.; PHILLIPSON, H.; LEE, A. R. **Interpersonal perception**. A theory and a method of research. New York, 1996.

MIRANDA, Wander Melo. **Contra a corrente; a questão autobiográfica em Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. 1987. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

MOTTA, Nelson. Sobre em liberdade. Comentário incluído no texto de orelha. In: SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Tradução e apresentação. In: BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Prefácio de Nelson Werneck Sodré. 21. ed. São Paulo: Record, 1986.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

_____. **Em liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Toda a memória do mundo**. Texto mimeografado. s/d.

TELES, Gilberto Mendonça. Os limites da intertextualidade. In: _____. **Retórica do silêncio I**; teoria e prática do texto literário. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989. p. 34-54.